

Sarney

# Seria bom mudar, mas a classe não ajuda muito

**LUIZ CARLOS LISBOA**

O presidente José Sarney disse, em Vitória, esta semana, que é seu dever, como político, dignificar a classe política, "com a consolidação do poder civil, para, com a ajuda de todos, ser iniciada uma nova etapa na História do País, em que o povo seja destinatário das mudanças e não massa de manobra como tem sido ao longo da História política do Estado". No ponto em que as coisas chegaram entre nós, a tarefa é ingrata e devia incumbir antes a um anjo ou a uma encarnação de Hércules, do que a um presidente imbuído de boa vontade, mas inegavelmente mortal.

Mesmo num presidencialismo que faz do chefe de Estado qualquer coisa como um imperador romano é relativamente pequeno o poder do presidente no sentido de mudar costumes antigos que deitaram raízes por toda parte. Os partidos políticos nacionais não se pode dizer que sejam maus, porque de fato são algo muito diverso de partidos. Os governantes estaduais, parlamentares e líderes tornaram-se, em sua maioria e ao longo das décadas, especialistas na arte de convencer cidadãos portadores de título eleitoral. O que é que um presidente da República pode fazer para aplacar a fúria dos deuses, quando eles se fartarem desse espetáculo deprimente? Mandar mensagens ao Congresso, determinando que todo homem público no País deve compenetrar-se de que político é bem público, é paixão de servir, é desejo de organizar no interesse geral?

O presidente Sarney pode tanto, nesse ponto e a essa altura dos acontecimentos, quanto o mais humilde dos cidadãos. É só acreditar, esperando que a inspiração desça dos céus e afugente a inclinação suicida dos homens pequeninos que estão fazendo de sua atividade um poço de iniquidades. Basta ver nos jornais e na televisão a imagem penosa do plenário vazio da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, em Brasília, onde um orador gesticula na tribuna e alguns gatos pingados comentam qualquer outra coisa na grande desolação. Ou aquela outra visão, do senador José Fragelli decidindo, cheio de energia, que não mais será pago o jeton dos parlamentares ausentes, enquanto no fundo o Congresso, convocado para uma sessão conjunta, não podia decidir por falta de quorum. A esperança de que o castigo venha nas urnas de 15 de novembro próximo é tênue, talvez infundada. Afinal, apesar do recadastramento eleitoral, os currículos políticos continuam existindo, e a cabala, a linguagem mentirosa dos comícios, o trabalho de boca-de-urna conspiram todos para que tudo se repita. Libera nos domine.

O que pode o presidente fazer para conferir dignidade à política nos Estados? O seu Maranhão, que ele conhece tão bem, que problema, presidente! E há o Rio de Janeiro, hors concours em matéria de degradação dos costumes políticos, mas de um modo bem diferente do Nordeste, por exemplo. A cidade que um dia (parece impossível) foi chamada "maravilhosa" é hoje uma mistura da Babilônia que os hebreus conhe-

ceram com o purgatório que Dante descreveu. Os turistas norte-americanos que desistiram do perigoso Mediterrâneo e dizem estar a caminho do Rio, vão conhecer bem cedo uma nova modalidade de terror que talvez venha a interessar Kadafi: a mescla perfeita de barulho, desconforto, imprevisão, sujeira e violência física. Os cães de Pavlov não suportariam o que os fluminenses têm suportado com a deterioração dos costumes políticos e o "clima" que considera normal a dedicação permanente dos governantes à causa da própria reeleição, ou à sua promoção a uma etapa superior na "carreira".

O governador dos fluminenses conservou todas as superstições políticas do passado e não trouxe uma só das boas tradições públicas do Sul, daí porque pode até eleger seu sucessor com 30% dos votos (a oposição a ele é feita de franco-atiradores ou de reservistas que esperam o aceno da convocação), mas de modo algum terá seu nome incluído entre os que bem governaram a cidade difícil e sofrida do Rio de Janeiro. As mil toneladas de lixo que a chuva dos últimos dias deixou nas ruas da grande cidade nada são comparadas com a sujeira óbvia, mas difícil de provar, que fermenta de Duque de Caxias ao Leblon. O conselho do prefeito Saturnino Braga, de que é preciso rezar para que não haja deslizamento de barreiras quando chove, está sendo seguido em parte por muita gente, que pede aos santos de sua devoção que iluminem ou removam os governantes que fazem da antiga cidade um degrau, um trampolim ou um trapézio para poletros mais altos.

Há dois dias, nesse mesmo Rio de todos os mártires, imagem fiel de seu padroeiro crivado de dardos, o candidato quase oficial a governador do Estado declarou solene a um grande matutino que aceita a ajuda oferecida pelos contraventores de jogo de bicho (e tudo o que está por trás, como tóxico e quejandos), para eleger-se governador. Os bicheiros prometeram pelo seu porta-voz (ou chefe de casa civil) que não fornecerão o cínico e vil metal ao candidato, mas carros, faixas, cartazes, gasolina e panfletos para a sua campanha. Feliz e lampetro, o beneficiado informou ao jornal, referindo-se aos contraventores, que respeitava muito a atividade deles. É um alívio saber que, se as coisas não melhoraram no Rio, também não mudaram muito, e agora, pelo menos, há franqueza.

Mas voltando ao presidente Sarney, o que é que ele pode fazer para dignificar a classe política no Brasil? Será que a "consolidação do poder civil" tem alguma coisa que ver com isso? Quanto ao povo ser o destinatário das mudanças necessárias, não há dúvida nenhuma de que isso se faz preciso. O difícil é impedir, por um ato de vontade, decisão ou lei, que ele detre de ser massa de manobra como tem sido ao longo da nossa História, porque os manobretos de sempre estão aí, bem dispostos e de olho na Constituinte, com todo o direito voltados para a eleição ou o cargo que vai guindá-los ao Olimpo dos seus sonhos, de onde nunca mais gostariam de sair.